

O TÊXTIL NO ENSINO DE ARTE – CORPO E TRAMAS NO SABER SENSÍVEL

Daiane Figueiredo Rosenhein¹

Maristani Polidori Zamperetti²

RESUMO: O texto discute o ensino de Artes Visuais a partir da Arte Têxtil, com o objetivo de pensar a arte como potência expressiva, ao encontro de um saber sensível. Desde os primórdios da civilização, os homens produziram fios com a lã de ovelha para serem tecidos. Atualmente, a Arte Têxtil tem se ampliado com a adição de novas materialidades contemporâneas, provocando uma (re)significação de sua produção. A pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, foi realizada com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental de escola pública, a partir da necessidade de ampliação das experiências sensíveis proporcionadas às crianças. O contato permitiu encontrar novos significados e configurações, estimulando a capacidade criadora. Ressaltando a importância das tramas, teias e linhas para o ensino de arte, conclui-se que por meio da poética escolar são apresentadas possibilidades para o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade por meio do ensino da Arte Têxtil.

Palavras-chave: Arte têxtil. Artes visuais. Ensino de arte. Saber sensível.

THE TEXTILE IN ART TEACHING – BODIES AND WEFTS IN THE SENSITIVE KNOWLEDGE

ABSTRACT: The text discusses the teaching of visual arts from the textile art, aiming to think of art as an expressive power, to the encounter of a sensitive knowledge. Since the dawn of civilization, men have produced yarns with sheep's wool to be woven. Currently the textile art has expanded with the addition of new contemporary materials, causing a (re) meaning of its production. The qualitative research, of the type research-action, was carried out with students of the first year of elementary school of public education, from the need to broaden the

¹ Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: maristaniz@hotmail.com

² Graduada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Docente da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: daianefrosenheim@gmail.com

sensitive experiences provided to children. The contact allowed to find new meanings and configurations, stimulating the creative capacity. Emphasizing the importance of the plots, webs and lines for the teaching of art, it is concluded that through the school poetics are presented possibilities for the development of creativity and sensitivity through the teaching of textile art.

Keywords: Textile art. Visual arts. Art teaching. Sensitive knowledge.

LA MATERIA TEXTIL EN LA ENSEÑANZA DEL ARTE - CUERPO Y TRAMAS EN EL SABER SENSIBLE

RESUMEN: El texto discute la enseñanza de las artes visuales desde el arte textil, con el objetivo de pensar el arte como poder expresivo, al encuentro de un conocimiento sensible. Desde los albores de la civilización, los hombres han producido hilados con lana de oveja para ser tejidas. Actualmente el arte textil se ha expandido con la adición de nuevos materiales contemporáneos, causando un (re)significado de su producción. La investigación cualitativa, del tipo investigación-acción, se llevó a cabo con los estudiantes del primer año de la educación primaria pública, de la necesidad de ampliar las experiencias sensibles proporcionadas a los niños. El contacto permitió encontrar nuevos significados y configuraciones, estimulando la capacidad creativa. Destacando la importancia de las tramas, telas y líneas para la enseñanza del arte, se concluye que por medio de la escuela poética se presentan posibilidades para el desarrollo de la creatividad y la sensibilidad a través de la enseñanza del arte textil.

Palabras clave: Arte textil. Artes visuales. Enseñanza de arte. Saber sensible.

As Tramas nas Vivências Cotidianas – um breve percurso no tempo e na arte

Costurar, tecer e bordar sempre foram minhas motivações, desde a tenra infância. Ao recortar tecidos e costurar roupas para as bonecas, percebia e sentia que por meio da arte ocorria uma relação sensível com as formas e matérias tradicionais, que se expandiam, provocando-me sensações e percepções diversas.

Na graduação em Artes Visuais – Licenciatura fui incentivada a continuar investindo e pesquisando sobre as poéticas têxteis. A vontade de conhecer mais sobre a arte produzida com tramas se tornou muito forte, principalmente ao visitar a exposição do artista brasileiro José Leonilson Bezerra Dias (1957- 1993), *Sob o Peso dos Meus Amores*, na Fundação Iberê Camargo, em 2012. Durante a visita à exposição fiquei encantada com as obras de Leonilson,

ocasionando-me uma experiência estética, cuja descrição não caberia em palavras, nem mesmo sua compreensão poderia se restringir a informações técnicas. A exposição me despertou sensações que para outra pessoa poderiam passar despercebidas.

Posteriormente, as pesquisas sobre a Arte Têxtil se estenderam ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Artes e ao projeto de Especialização em Artes, terminalidade: Ensino e Percursos Poéticos. Para tanto, realizei uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação junto aos meus alunos do 1º ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa-ação é eminentemente participativa, democrática e visa contribuir para a mudança social, caracterizada por “[...] uma ação por parte das pessoas implicadas no problema sob observação” (THIOLLENT, 1992, p. 14-15). Assim, considerei ter exercido um papel ativo na estrutura das relações em sala de aula com meus alunos, propiciando uma modificação nas atividades desenvolvidas na disciplina de Artes Visuais, até aquele momento.

Ao pesquisar a Arte Têxtil e suas manifestações, percebi que as pessoas podem encontrar inúmeras formas de se relacionar sensivelmente com o mundo, na vivência com experiências artísticas, exercitando sua imaginação e desenvolvendo, assim, uma sensibilidade relacional ampla, consigo e com o mundo. Entendo a importância de se conhecer um pouco sobre o histórico da Arte Têxtil, com o objetivo de compreender suas manifestações contemporâneas e escolares.

Desde os primórdios da civilização, os homens produziram fios com a lã de ovelha para serem tecidos, e o levantamento dessa história é uma difícil tarefa devido à dificuldade de conservação de tecidos. Cáurio (1985) relata que a tecelagem se desenvolveu no Egito e nos países orientais, como China e Pérsia (atual Irã), por volta de 2.200 a.C. O fragmento mais antigo foi encontrado em 1903, na tumba do faraó Tutmés IV, medindo 15 cm x 3,5 cm, de linho branco, com a reprodução de hieróglifos de Tutmés III que havia vivido de 1503 a 1449 a.C.

Na Grécia antiga, séc. IV a.C., há representações de mulheres tecendo em teares verticais e tecidos com motivos livres, encontradas também na mitologia grega e romana em tapeçarias que relatam com detalhes a história mitológica, com funções religiosas e profanas (CÁURIO, 1985). Os tecidos egípcios mais significativos estão nos séculos II a V, na Arte Copta greco-romana com motivos mitológicos, de caças a cavalo, de animais, geralmente executadas

em um único tom de vermelho sobre fundo branco. No Cristianismo, a Arte Copta representa motivos religiosos com várias cores de lã usados em refinadas vestimentas e na decoração mural (CÁURIO, 1985). No Oriente Médio, em 1200 a.C. tecia-se também com seda. A China passou a superar na riqueza de roupas e cortinas.

Dessa forma, a produção com fios e tramas vem se estabelecendo pelo mundo com uma inúmera variedade de formas, com os bordados e as costuras. Tornou-se, assim, uma prática principalmente feminina, de mulheres dedicadas ao cuidado da casa, passando a fazer parte da cultura feminina, mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho, cultura repassada pelas escolas de arte decorativa do século XIX (BAHIA, 2002).

A produção com fios não recebeu valor no circuito da Arte, pelo motivo de estar ligada constantemente à decoração de ambientes, assim, a Arte Têxtil foi considerada no circuito da Arte, uma arte menor. No Modernismo, alguns paradigmas começaram a ser quebrados, revisando e redefinindo o fazer nas artes plásticas, com estilos que rompiam com a arte tradicional, baseada em técnicas acadêmicas.

Na atualidade temos uma grande liberdade de técnicas e materiais na produção artística. O Modernismo trouxe um forte pensamento de autocrítica, extremada com Marcel Duchamp, ao tentar discutir os padrões e cânones acadêmicos da Arte. Duchamp, com sua postura crítica, foi além da Arte Conceitual, possibilitando ganhos à arte posterior a ele. Suas atitudes desmancharam conceitos hegemônicos da Arte (BAHIA, 2002). Com o Modernismo e as atitudes duchampianas, abriram-se caminhos para uma arte com novas formas e materiais.

No Brasil, há uma produção considerável em Arte Têxtil. Um dos nomes importantes nessa arte é Norberto Nicola, nascido em 1930, na cidade de São Paulo. Em 1955, realizou experiências com materiais diversos como cordas, tecidos e areia. Sua produção envolve uma diversidade material: sisal, nylon, palha, crina, lã, fibras vegetais, entre outros. Antes de iniciar com seus trabalhos em tapeçaria, Nicola trabalhava com pintura, mas descobriu a possibilidade da cor em nova materialidade, trocando a tinta pela lã. Com o passar do tempo seus trabalhos passaram a ter dimensões maiores, possuindo fendas, tiras recortadas e cordões que se entrelaçam (MATTAR, 2013).

A artista Zoravia Bettiol, nascida em Porto Alegre, possui um repertório artístico variado, trabalha com pintura, xilogravura e Arte Têxtil. Atua também como designer de joias.

Nos anos de 1960, participou da 7ª, 8ª e 9ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, viajou para Europa e expôs no circuito internacional da Arte. Na Polônia estudou Arte Têxtil no Estúdio Maria Laskiewicz, o que foi de grande importância para se redescobrir na Arte Têxtil. Inicialmente dedicou-se a formas geométricas e cores vibrantes. Sua tapeçaria faz referência à natureza, ao mundo animal e vegetal, com a utilização de pedras e ferro em suas modulações e fios tecidos.

Desde 1970, os artistas brasileiros começam a usar materiais populares como a linha de costura e a lã; a costura como elemento gráfico se intensificou nos anos 1980 e 1990. Na poética contemporânea o material têxtil ganha inúmeros significados (BAHIA, 2002).

Artistas brasileiros como Leonilson Bezerra Dias, Arthur Bispo do Rosário, Ernesto Neto, Leda Catunda, Edith Derdyk e Lia Menna Barreto desenvolveram uma produção marcada pela costura e o bordado. Leonilson destaca-se por extravasar seus sentimentos na sua produção artística. Nasceu em 1º de março de 1957, em Fortaleza (Ceará), mas ainda na infância mudou-se para São Paulo. Ingressou, em 1977, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), deixando o curso em 1980 sem terminar, já que em 1981 viajou para Madri, realizando sua primeira exposição individual. De volta ao Brasil, participou de várias exposições, entre elas da 18ª Bienal Internacional de São Paulo, da exposição “Como vai você, Geração 80?”, em junho de 1984, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro (CASSUNDÉ; REZENDE, 2012).

A exposição “Como vai você, Geração 80?” era como um grito de liberdade à uma democracia que se anunciava, já que no Brasil, nesta época estava se decretando o fim da ditadura militar. Os artistas expoentes propunham a liberdade de expressão, uma pintura descomprometida da pintura convencional.

Edith Derdyk é formada em Licenciatura em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alves Penteado (FAAP). Além de seu trabalho como artista visual, publicou livros, participou de exposições coletivas e individuais no circuito nacional e internacional. Ela escolheu a linha de costura como material têxtil e gráfico. A artista dá destaque ao processo da criação, minimizando a importância da visualidade final da obra. Ela faz da linha uma expansão do ato de desenhar, investigando a possibilidade de ocupação no espaço por meio de perfurações em superfícies com agulha (BAHIA, 1999).

A artista Lia Mascarenhas Menna Barreto estudou Artes Visuais em Porto Alegre, RS, e seu trabalho é um retorno à memória infantil. Usa brinquedos em suas obras – bonecos de plástico, animais de borracha, bichos de pelúcia e outros similares – dando uma nova forma aos objetos infantis. Ela desmancha bonecas de plástico fazendo montagens em bichos de pelúcia, usando a técnica da costura, com acabamento de uma costureira profissional. Lia borda com plástico e seda, derretendo o plástico com ferro de passar sobre tecido de seda, assim ela imita um tipo de bordado tradicional.

Leda Catunda, artista paulista, apresenta pinturas conceituais construídas com misturas de materiais, transitando entre técnicas de colagem e costura. Envolve-se em uma produção feminina e artesanal. Em suas obras, o tecido não é apenas fundo para pintura, é parte significativa na qual a característica do material transparece em sua obra (ARAÚJO, 2009).

Outro artista importante pela sua expressão têxtil é Artur Bispo do Rosário, nascido em 1909, em Japaratuba, Sergipe. Sua trajetória não percorre o circuito oficial das Artes Visuais. Em 1938 foi encaminhado para um hospital psiquiátrico e foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide. Após o diagnóstico, passou a residir na Colônia Juliano Moreira (RJ). No início de 1960, internou-se voluntariamente na clínica pediátrica AMIU, em Botafogo. Nessa clínica produziu um número significativo de obras artísticas, mas em 1964 retornou para a Colônia Juliano Moreira, de onde nunca mais sairia, com um quarto separado para ele e suas peças, trabalhando incessantemente até sua morte em 1992 (LAZARO, 2012). "Bispo compõe uma geografia humana e um urbanismo onírico de lugares de sua passagem pela vida", acentua Lázaro (2012, p. 21). Encontrou em uniformes do hospital potencial para construir sua obra. Ele desfiava os uniformes usando a linha do tecido para bordar e enrolar na poética de sua criação.

O artista carioca Ernesto Neto realiza trabalhos que transitam entre a escultura e a instalação, utilizando malhas têxteis. Desde os anos de 1990, usa meias de poliamida e materiais flexíveis que são preenchidos com especiarias das mais variadas, como açafrão e cravo da Índia. Produz diversas instalações com malhas em tubos e teias que se estendem no espaço, no qual o público pode interagir com a obra, em que o tecido e a linha passam a ser uma extensão do corpo humano que reage com as diversas sensações provocadas pela obra

(Figura 8). Seu trabalho faz uma alusão ao corpo humano, com formas sinuosas que percorrem o espaço e pode ser relacionado com a obra da artista Lygia Clark, que produziu uma obra sensorial, aguçando cheiros, tatos e sentidos.

Desse modo, é possível dizer que a Arte têxtil sustenta inúmeras formas de expressão, seja por meio da linha na agulha que perfura superfícies do bordado ou da costura, seja do tricô, do crochê, do tecido. O contato e interação com formas e materiais vêm a contribuir com a formação do ser sensível, permitindo encontrar novos significados e configurações, estimulando a capacidade criadora.

Intuindo, procura-se estabelecer relacionamentos significativos – significativos para uma matéria e para nós. Seja qual for a área de atuação, a criatividade se elabora em nossa capacidade de selecionar, relacionar e integrar dados do mundo externo e interno, de transformá-los com o propósito de encaminhá-los para um sentido mais completo. Dentro de nossas possibilidades procuramos encontrar a forma mais ampla e mais precisa, a mais expressiva. Ao transformamos as matérias, agimos e fazemos. São experiências existenciais - processos de criação - que nos envolve na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. *Formar é mesmo fazer. É experimentar. É lidar com alguma materialidade e, ao experimentá-la, é configurá-la* (OSTROWER, 1981, p. 69).

A Arte Têxtil tem como material principal, a lã e as linhas, porém tem se ampliado com a adição de novas materialidades contemporâneas, provocando uma (re)significação de sua produção. Dessa maneira, pensar a arte por meio da poética têxtil é uma possibilidade para que o indivíduo possa se transformar e reinventar novas formas de se expressar.

Arte Têxtil e Formação Sensível

A Arte em suas inúmeras formas expressivas é capaz de contribuir para formação de indivíduos sensíveis em relação ao próprio o corpo e a tudo que está no seu entorno. O saber sensível transcende as limitações impostas pela racionalidade, o saber sensível está na relação de corpo com seu contexto, um conhecimento que é ditado pelos sentimentos, pela intuição ou pelas experiências corporais. Há um ditado popular que diz uma vez que se aprendeu a andar de bicicleta nunca mais se esquece, isto quer dizer que se trata de um saber que fica registrado no corpo; não é preciso pensar como se anda de bicicleta, uma vez aprendido, o corpo assimila a ação de forma natural. Então, o saber sensível pode acontecer quando o

indivíduo experimenta o mundo, de forma visual, tátil, gustativa ou olfativa, percebendo-se como um ser pertencente a este contexto.

Inelutavelmente, há um saber detido por nosso corpo, que permanece íntegro em si mesmo e irreduzível a simplificações e esquematizações cerebrais. O corpo conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais (DUARTE JR., 2001, p. 126). Portanto, o sentido existe na dependência das relações que o indivíduo estabelece com seu corpo.

Emprestar sentido - ao mundo - depende, sobretudo, de estar atento ao sentido - àquilo que nosso corpo captou e interpretou no seu modo carnal. O sentir - vale dizer, o sentimento - manifesta-se, pois, como o solo de onde brotam as diversas ramificações da existência humana, existência que quer dizer, primordialmente, "ser como significação" (DUARTE JR., 2001, p.130).

Quando cito a importância da Arte Têxtil na formação do ser sensível, penso na capacidade de experimentar diversos materiais por meio do sentido tátil, visual, olfativo e sonoro. Materiais como a linha, a lã, o tecido, percebendo a construção de uma trama que sensibiliza o olhar para um trabalho capaz de expressar diversos sentimentos e sensações.

Para que o saber sensível ocorra, a simples experimentação de materiais não é garantia, é preciso que o mesmo aconteça aliado ao um saber racional, inteligível, que possibilite a apreensão cognoscível das sensações e vivências. Chega-se, dessa forma, ao saber estésico. A estesia, termo que vem do grego *aistheisis*, é a "[...] nossa prontidão para aprender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos" (DUARTE JR., 2001, p. 137). Entretanto, o desenvolvimento tecnicista da sociedade, fez com que o saber estésico fosse pensado isoladamente, separando a racionalidade da sensibilidade. A racionalidade está ligada ao saber inteligível que consiste em conhecimento lógico, matemático, cerebral e a sensibilidade coliga-se ao saber sensível, no que se refere aos saberes corporais e às experiências advindas da relação deste com o mundo, como o equilíbrio para andar de bicicleta, a capacidade de perceber o som dos instrumentos, o dançar ao ritmo da música.

Segundo Duarte Jr. (1988, 2001, 2010), após a Revolução Industrial ocorreu a desvalorização do saber sensível e a supervalorização do saber racional, o qual começou a ser valorizado, como forma de criar uma sociedade mais eficiente. O ser humano largou a artesanaria para trabalhar em indústrias com máquinas capazes de produzir muito mais rápido

o que um artesão produzia. A sociedade passou a agir e adotar formas de vida que transformaram a própria sociedade. O corpo humano precisou se reeducar para uma maneira de viver mais acelerada, os indivíduos precisaram seguir o horário de trabalho da indústria, a aprender a trabalhar com as máquinas e estar em constante atualização. Isso foi necessário em função de que novas formas mais eficazes de produção fossem ser criadas, tornando a vida humana prática e seus afazeres eficientes.

O corpo do operário, portanto, precisava mais e mais ser regado e submetido ao ritmo industrial do trabalho. Toda energia devia ser canalizada para a produção, sem desperdícios fúteis e inúteis do ponto de vista da confecção de mercadorias. Festas e prazeres, assim, haveriam de ser reduzidas e controladas a fim de se economizar energia produtiva [...]. De acordo com o pensamento freudiano, para o surgimento da civilização o ser humano houve que reprimir seus instintos fundamentais, tornando possível o aparecimento de leis e normas que regravam a sua correta satisfação naqueles momentos e locais determinados (DUARTE JR., 2001, p. 48).

Todas essas modificações apontadas por Duarte Jr. (1988, 2001, 2010) vieram para facilitar e tornar a vida mais prática, evitando o trabalho braçal e desgastante, porém causaram a perda do lazer, do prazer e o sensível, que também era vivenciado nas lidas artesanais. As máquinas e a tecnologia emergente deveriam tornar as atividades do cotidiano do ser humano extremamente rápidas, confortáveis, promovendo maior informação e obtenção de recursos materiais.

De certa forma, podemos pensar que essas modificações tecnológicas contribuíram positivamente para o desenvolvimento social e econômico. Porém, em contrapartida, o indivíduo precisou trocar o trabalho artesanal e criativo por uma atividade mecânica, subordinadora e racional, satisfazendo uma sociedade consumidora de tecnologia, a qual modificou as formas de interação social e cultural. Pode se dizer, que as atividades humanas em suas variadas dimensões tornaram-se mais mecânicas e menos humanizadas, porque apesar de a tecnologia, hoje, nos permitir contatar com qualquer pessoa ou lugar no mundo, facilmente nos impede um contato direto ou mesmo, torna-nos carentes de sensações e vivências com a natureza e outros seres humanos.

Duarte Jr. (2001, p. 70) comenta que "[...] o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos

social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis do ser humano de se relacionar com a vida". Isso é, com as novas formas de interação com a vida, deixamos de lado alguns elementos e fazeres culturais, como o ato de se dedicar a fazer algo manualmente com o tear. Não se trata de substituir situações ou formas de viver em sociedade; o ideal seria agregar novas formas de viver sem desvalorizar a cultura antecedente.

A Arte Têxtil na Escola – uma possibilidade humanizadora

Para poder desenvolver a Arte Têxtil na escola alguns caminhos precisam ser traçados, entre eles pensar a educação sensível por meio do fazer têxtil. A educação do sensível necessita estar inserida no sistema educacional, a fim de contribuir para a formação de pessoas capazes de lidar com a tecnologia de maneira sensível e humanizadora.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009), o ensino da arte no Brasil, no século XIX, começou com a necessidade de produzir mão de obra para o trabalho operário, baseando-se na estética neoclássica, a qual valorizava a harmonia, o equilíbrio e o domínio da técnica. Com esses princípios, o ensino básico reforçava o desenho de cunho imitativo, a fim de treinar o uso da proporção, da perspectiva, da composição e uso de luz e sombra. Ainda, os cursos de formação de professores para séries iniciais incluíam o desenho ilustrativo nas práticas de sala de aula.

Esse ensino voltado à técnica e conhecimento científico foi estimulado com o crescimento das sociedades e o desenvolvimento de novas tecnologias, negando o corpo como campo de conhecimento e enfatizando apenas a mente. Foi menosprezado, assim, o saber intrínseco do corpo humano, que faz com que o indivíduo consiga distinguir odores, sons e texturas, manipular objetos, reagir a estímulos, sentimentos e intuições, o ensino passou a ser tecnicista e voltado apenas ao desenvolvimento cognitivo.

Conforme aponta Duarte Jr. (2001, p. 125), o conhecimento não está só no intelecto; é preciso considerar que “[...] grande parte de nosso agir cotidiano fundamenta-se nesse saber corporal básico, primitivo em sua origem, mas com enorme potencial para ser desenvolvido e lapidado, ou seja, educado”. O saber corporal e sensível, assim como o saber intelectual precisa ser constantemente trabalhado, estimulado e educado. É com base no pensamento de Duarte Jr. (1988, 2001, 2010) que sinto a necessidade de pensar em um ensino da arte que

una o sensível com o inteligível, em um ensino que fuja do desenho voltado para a reprodução, para um ensino da arte que promova a expressão nos processos de criação. O ato criativo inclusive dá-se mais em nível do "sentir" do que "simbolizar". Melhor dizendo: ao se criar ocorre uma movimentação de nossos sentimentos, que vão sendo confrontados, aproximados, fundidos, para posteriormente serem simbolizados, transformados em formas que se ofereçam à razão, ao pensamento (DUARTE JR., 1988).

As ideias sugeridas pelo autor vêm ao encontro do PCN – Arte para o ensino fundamental, quando assegura que a educação em arte propicia “[...] o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação” (BRASIL, 1997, p. 15). Porém, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada no final de 2017, pelo Conselho Nacional de Educação, que pretende formular uma base curricular escolar para todo o país, poderá vir a se transformar em um “[...] currículo único e mínimo, abdicando do processo de conhecimento criativo” (CNTE, 2015). Esse fato contraria a proposta de um ensino de Arte plural, sensível e multicultural que gostaríamos de ter nas escolas, a partir da defesa do conhecimento das quatro terminalidades artísticas – Visuais, Dança, Música e Teatro na educação básica – condizente com as necessidades e exigências de um país singular como o Brasil.

Com o objetivo de estimular o saber sensível na escola idealizei um projeto de ensino utilizando a Arte Têxtil para ser aplicado na aula de Artes com crianças de seis e sete anos de idade, no Ensino Fundamental, a partir de vivências com o desenho. Dando prosseguimento à proposta, sugeri a construção de um objeto com sensações táteis, verificando se o mesmo poderia proporcionar novas experiências aos alunos.

Para poder desenvolver o aprendizado da Arte Têxtil, senti necessidade de partir do elemento principal que a constitui, a linha, já que a trama têxtil é formada por fios que se tramam e criam formas, semelhantes às linhas gráficas. A linha utilizada para tramar pode ser feita de diversos materiais, como a lã, o algodão, dentre outras fibras sintéticas, produzindo formas que podem ser levadas aos espaços bidimensional e tridimensional, conforme pode se ver na Arte Têxtil. Desse modo constitui um projeto de ensino com os seguintes objetivos específicos: construir um repertório que contemple da linha do desenho à trama têxtil,

desenvolvendo vivências em Arte Têxtil em prol de um saber sensível na sala de aula e verificando se a mesma produz interesse nas crianças do Ensino Fundamental.

O projeto foi realizado em cinco encontros de duas horas/aula, contando com propostas que envolveram o desenho, a fruição de imagens de obras de Arte Têxtil e a confecção de um tapete feito em tear de papelão. Escolhi o desenho como uma das propostas iniciais do meu projeto de ensino por acreditar na importância do grafismo no ensino da arte, no sentido de desenvolver a criação e imaginação, promovendo a sensibilização às tramas têxteis.

A importância do desenho é inegável pela integração que propicia entre cognição, ação, imaginação, percepção e a sensibilidade. Por intermédio do desenho a criança pode expressar seus conhecimentos e suas experiências, colocando-se em sua poética de modo singular. As competências e habilidades aprendidas em desenho servirão para outras áreas do conhecimento (IAVELBERG, 2006, p. 57).

Porém, sabemos que persiste nas escolas o uso de imagens prontas para as crianças colorirem. Ao utilizá-las, o professor acaba inibindo a expressão dos alunos, criando estereótipos e modelos que pouco contribuem para o desenvolvimento sensível e gráfico das crianças. Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva; embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades. Estereotipar quer dizer então, simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples (VIANNA, 1995, p. 4).

Assim, a proposta enfatiza o desenho criativo por meio da elaboração de formas no espaço tridimensional, utilizando tramas têxteis que foram construídas com os alunos, com auxílio de um novelo de lã que se entrelaça, passando pelas mãos dos mesmos, proporcionando uma dinâmica de apresentação e conversa em sala de aula. Outra referência utilizada como motivação para o desenho foram imagens de obras de arte, no caso trabalhos da exposição de Edith Derdyk *Viés*, veiculada pelo DVD – Arte na Escola. Após, foi solicitado aos alunos que criassem um desenho a partir de uma linha construída no caderno.

O ensino da arte deve ir além do ensino do desenho, para que o educando experimente e crie um repertório sensível com as diversas formas expressivas. Na construção de um tear, os alunos poderão perceber da linha no espaço tridimensional, constituindo-se numa forma

criada com tramas têxteis.

O professor necessita promover no aluno a vontade de superar desafios, com propostas que estimulem sua criatividade. Ostrower (1987, p. 36) afirma que "[...] o potencial criador do homem realiza-se dentro de sua própria produtividade. Estimulado pelo desafio de necessidades a satisfazer, tarefas a cumprir a fim de sobreviver melhor, em seu trabalho o homem imagina soluções e cria".

Para a formação de um ser sensível é preciso que o estudante estimule seu potencial criativo por meio do contato, da produção em arte, desde cedo. De acordo com Ostrower (1987, p. 127) "[...] nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver para criança". Dessa maneira, para formar seres humanos criativos e sensíveis ao mundo é preciso pensar num ensino da arte que permita aos estudantes a obtenção de experiências diversificadas e enriquecedoras.

A Poética Têxtil na Escola – uma experiência sensível

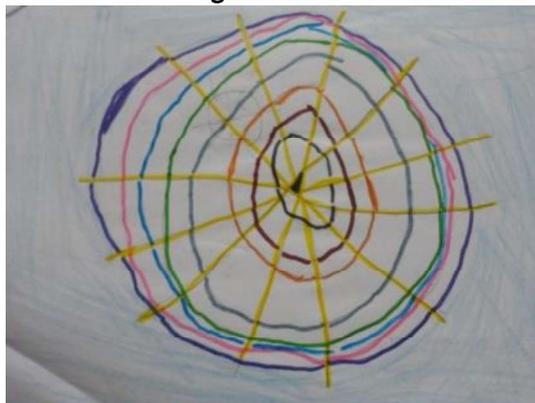
Fui contratada como professora de Artes Visuais em 2013, atuando na rede pública municipal de ensino de Pelotas e lecionando em duas escolas da cidade, pelo período de um ano. Nesse período, atendi turmas do Ensino Fundamental – da Pré-Escola ao quinto ano – escolhendo uma turma do primeiro ano com crianças de seis a sete anos de idade, para desenvolver uma pesquisa-ação. A escolha se deu pela preocupação com a diminuição das experiências sensíveis proporcionadas às crianças. Desde tenra idade as crianças e seus pais e/ou responsáveis são seduzidas pelo consumo acelerado de brinquedos plásticos, quase descartáveis, sem personalidade, e que sustentam um brincar individualista. Se as crianças possuem habilidades para o domínio de novas tecnologias, por que não ensinar outras formas de interação com as materialidades? O tecer é um trabalho que ajuda a desenvolver a paciência e a atenção, no qual podemos perceber o processo de construção de um tecido, utilizando uma tecnologia ancestral em que se fazem presentes o sentido do tato, visão e olfato.

A pesquisa realizada na Escola Y, que será assim denominada para preservar a

identidade da mesma e de seus alunos, iniciou a partir de um projeto de ensino³. Utilizando a técnica da “teia de conversa”, propicie a apresentação dos alunos em uma roda. De posse de um novelo de lã, dei uma ponta do fio para uma das crianças e pedi que ela se apresentasse e após escolhesse um colega para apresentar ao grupo, dizendo seu nome e sua brincadeira favorita, caso soubesse. Se afirmativo, o colega receberia a outra ponta da linha e a conversa continuaria. A atividade teve por intuito desenvolver o trabalho em grupo e a percepção do percurso da linha no espaço.

As crianças mostraram gostar da atividade, muitos já avisavam o que gostariam que o colega falasse deles, alguns não tinham paciência para esperar o colega falar, e outros, quando recebiam a linha, falavam de si mesmos. Durante a atividade, eles iam comentando sobre as formas que a linha ia tomando; a maioria ficou surpresa com as formas surgidas com a linha. Assim que terminaram de se apresentar, pedi que largassem a linha no chão e me falassem sobre o que estavam vendo. Um aluno disse: “parece uma estrela”; outro: “teia de aranha”. Após a conversa, pedi para que voltassem aos seus lugares e desenhassem o que haviam vivenciado. Construíram diferentes desenhos, alguns bastante coloridos. Com o desenho pronto, pedi para que colocassem o caderno no chão na volta do círculo, para que eles pudessem perceber as diversas possibilidades de formas que pudéssemos ver e encontrar em uma imagem (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2 - Desenhos realizados pelos alunos dos 1ºs anos.



³ Todas as fotografias constantes neste trabalho foram realizadas pela autora e possuem autorização da escola para sua publicação.

No primeiro trabalho realizado (Figura 1), o aluno desenhou uma teia de aranha, segundo informado pelo mesmo. Quando perguntei aos estudantes o que estavam enxergando, a maioria concordou que parecia uma teia de aranha. Para alguns alunos, a necessidade de representar figuras referentes à realidade próxima é forte. Na Figura 2, o aluno desenhou as sensações provocadas pela dinâmica têxtil, um entrelaçar de linhas, talvez sem preocupação em configurar uma forma reconhecível. Percebi que o mesmo se sentiu feliz em brincar com as canetas por meio do desenho, com um fazer espontâneo e imaginativo, brincando e criando com as cores e com a vida, conforme aponta Ostrower (1987) que criar e viver são processos naturais nas crianças.

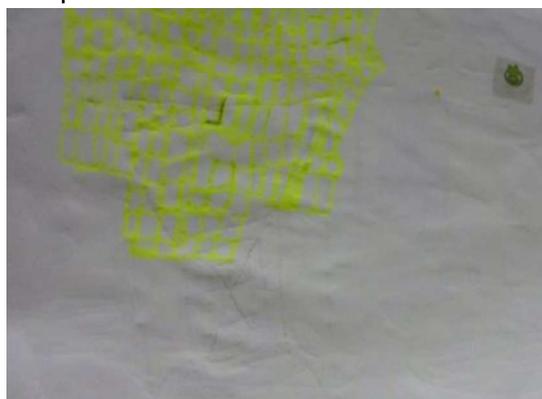
Na Figura 3, o aluno desenhou uma estrela e resolveu enfeitá-la com corações, colocando também uma lua e dois bonequinhos. Esse aluno havia comentado durante a atividade que a teia parecia uma estrela. Na Figura 4, o aluno optou por desenhar muitos quadradinhos entrelaçados. No primeiro momento, ele queria desenhar uma teia tradicional, mas após ter sido esclarecido que a ideia era desenhar o que eles estavam vendo ou imaginando ao olhar para a forma da linha no chão, me pareceu que ele conseguiu criar elementos de sua própria imaginação.

Nos trabalhos realizados pelas crianças do 1º ano, constatei que alguns eram mais espontâneos (Figuras 2 e 4) e outros procuravam, de certa forma, uma semelhança com desenhos baseados em convenções, semelhantes aos estereótipos (Figuras 1 e 3). Segundo as pesquisas de Brent e Marjorie Wilson, citados por Lavelberg (2006, p. 51), "[...] a arte da criança segue um desenvolvimento espontâneo até o oitavo ano de vida e, em alguns casos, antes dos seis anos já recebem a influência da cultura". Porém, Lavelberg (2006) sugere que a criança estará percebendo influências externas continuamente, do seu meio, contexto e de outras pessoas, desde os primeiros grafismos de ação e rabiscos intencionais.

No segundo encontro com a turma, apresentei o DVD disponível no Projeto Arte na Escola (CA/UFPel), Viés de Edith Derdik. O documentário mostra detalhes das obras da artista em exposição; a câmera percorre a exposição lentamente dando zoom em alguns detalhes. Percebi que os alunos olharam para o documentário sem maiores entendimentos; provavelmente estavam esperando um filme tradicional de animação. Assim, realizei uma segunda exposição do vídeo, interrompendo a exibição em algumas partes e explicando o

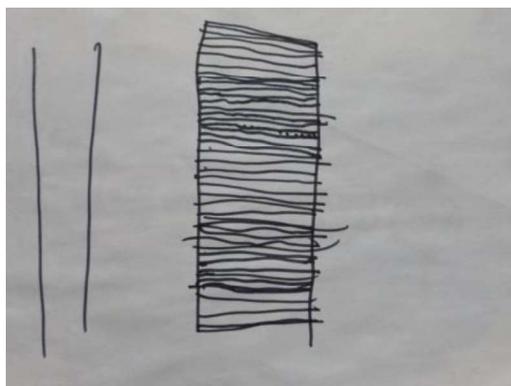
conceito de linha e como a artista usava a linha como forma expressiva.

Figuras 3 e 4 - Desenhos realizados pelos alunos dos 1ºs anos.



Após a exibição pedi para escolherem imagens do vídeo para desenharem; os alunos pediam para interromper nas imagens mais complexas; outros optaram pelas formas mais simples, alegando que as outras seriam difíceis de desenhar. Assim, selecionei várias cenas, pedindo que tentassem desenhar o que viam, cada um a sua maneira. Algumas crianças manifestaram gostar da atividade; outras acharam “chato”. Os estudantes, em sua maioria, desenharam a parte que havia chamado sua atenção (Figuras 5 e 6).

Figuras 5 e 6 – Trabalhos de alunos a partir do vídeo Viés de Edith Derdyk.



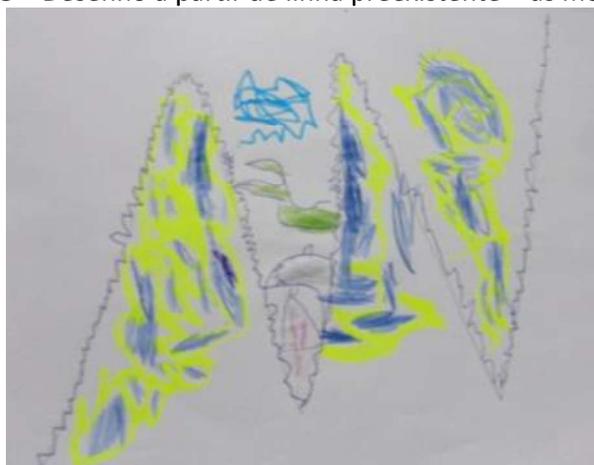
Em seguida, com o objetivo de propor um desafio visual, desenhei uma linha diferente em cada caderno e solicitei que criassem um desenho a partir deste traçado. Alguns criaram animais, como um coelho (Figura 7), a partir de uma linha contínua com duas pontas. Outros sentiram grande dificuldade de se expressar utilizando a linha.

Figura 7 – Desenho a partir de linha preexistente – o coelho.



Outro aluno (Figura 8), utilizando as linhas preexistentes, construiu figuras de montanhas, contornando com a caneta a linha existente e desenhando outra, em forma de zigzag. Para concluir, ele desenhou dois pequenos animais em cima da montanha e usou canetas coloridas para pintar parte dela.

Figura 8 – Desenho a partir de linha preexistente – as montanhas



Em outro caderno fiz uma linha curva (Figura 9), e o aluno completou pintando toda a parte interna e desenhando vários bonecos esquematizados andando em uma pista que parecia ser de skate. No trabalho de outro aluno (Figura 10) também desenhiei uma linha

curva, a qual foi preenchida com muitas cores, números e desenhos de flores. Esse aluno sentiu mais dificuldade no uso da linha, usou apenas parte dela para construir o chão. Esses trabalhos foram realizados com o objetivo de ampliar a capacidade expressiva dos alunos, desvinculando-os dos processos de estereótipos, que de acordo com Vianna (1995), simplificam e reduzem a expressão criadora.

Figuras 9 e 10 - Trabalhos de alunos realizados a partir de linhas preexistentes.



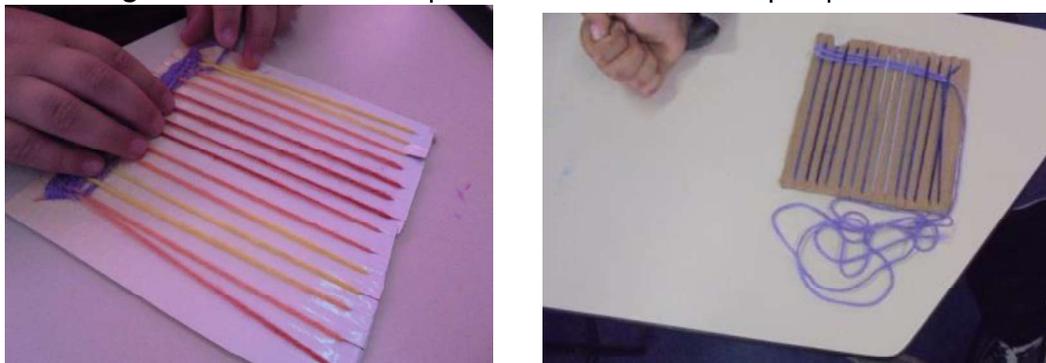
No terceiro dia, propus a confecção de um pequeno tapete com lã; levei teares de papelão e pedi que trouxessem lãs. Alguns alunos trouxeram, outros não. Imaginando que isso poderia acontecer, levei o material; o tear estava com a urdidura⁴ pronta e eles deveriam apenas se preocupar com a trama. Como eram crianças pequenas, senti necessidade de facilitar a tarefa, para que pudessem se concentrar na sua produção. Após todos estarem com o material, expliquei como era uma trama por meio de um desenho no quadro. O trabalho foi feito em grupo para que eles ajudassem um ao outro; enquanto eles tentavam fazer, eu explicava individualmente a atividade. Grande parte dos alunos sentiram dificuldade para fazer, por exemplo, um aluno cortava a linha toda vez que terminava a carreira. Como a turma era numerosa, não consegui dar uma atenção especial a todos, o que pode ter prejudicado, em parte, o trabalho final.

A criação dos pequenos tapetes ocorreu nas duas aulas seguintes. Os alunos, apesar

⁴ Urdidura é uma “[...] série de fios estendidos longitudinalmente em tear e através dos quais é depois lançada a trama” (MICHAELIS, 2004).

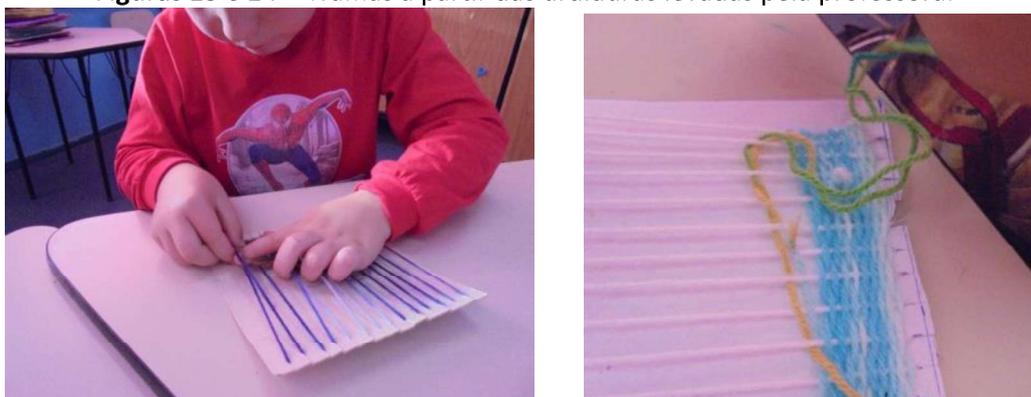
da dificuldade, mostravam-se bastante motivados quando eu entrava na aula, pois perguntavam se iam continuar fazendo o trabalho (Figuras 11 e 12). Eles tiveram que refazer várias vezes as tramas para conseguir concluir os trabalhos.

Figuras 11 e 12 – Tramas a partir das urdiduras levadas pela professora.



Outros alunos aprenderam rapidamente (Figuras 13 e 14), porém um aluno me surpreendeu por conseguir fazer a trama sem grandes esforços, apenas com a explicação inicial da aula. Ele relatou que fazia tranças com o pai para usar em adereços nos cavalos. Entendo, dessa forma, que o aluno possuía um saber sensível, possibilitado pela relação do seu corpo com o contexto vivenciado, um conhecimento que é apreendido pelas experiências corporais, conforme assegura Duarte Jr. (2001, 2010).

Figuras 13 e 14 – Tramas a partir das urdiduras levadas pela professora.



Durante esse período, alguns terminaram o trabalho, enquanto outros o desenvolviam lentamente. Diversos motivos prejudicaram o andamento do trabalho; alguns alunos tinham dificuldade em realizar a tarefa, outros faltavam às aulas. Desse modo, resolvi deixar os alunos levarem os tapetes para casa para terminar, mas infelizmente poucos foram os tapetes retornados. Com os trabalhos prontos, a proposta era unir todos e formar um único tapete

(Figura 15), o qual todos pudessem compartilhar, porém somente nove alunos retornaram o seu trabalho. A turma era composta de aproximadamente, vinte alunos.

Apesar dos poucos tapetes que voltaram, resolvi uni-los para produzir uma composição com os alunos. Conversei com eles que seria importante que todos participassem e entregassem para que pudessem ter um tapete para ser usado na aula. Alguns alunos perderam seus trabalhos, outros não terminaram, outros comentaram que a mãe havia posto fora, outro comentou que a tia pegou para seu uso pessoal. Apesar de muitos terem perdido seus trabalhos, alguns alunos fizeram um esforço para me entregar, houve uma aluna que faltou e não tinha terminado por falta de recursos, mas assim que ganhou a lã na sala de aula, terminou seu trabalho. Perguntei a eles o que pensaram sobre a produção de tapetes. Apenas uma aluna disse achar “chato” fazer o trabalho. A grande maioria dos alunos se mostrou motivada e relatou ter gostado de fazer.

Figura 15 – Composição de um único tapete a partir dos trabalhos individuais.



Assim, este trabalho reafirmou a importância de defender um ensino da arte que vá ao encontro das inúmeras possibilidades de experiências oportunizadas pela arte, em prol da

criação em arte e formação da sensibilidade humana. "Em qualquer processo de criação, surgem simultaneamente ordenações materiais e espirituais. Por isso o ato criativo sempre deixa um lastro, seja na pessoa que cria ou seja na pessoa que recria mentalmente as formas já criadas" (OSTROWER, 1981, p. 36).

Norberto Nicola em um texto-manifesto *Formas Tecidas*, realizado para a exposição de mesmo nome na Galeria Documenta, em São Paulo, no ano de 1969 afirma: "[...] a fibra e o tecido possuem um volume de qualidades próprias, elasticidade, comportamento, enfim, um lugar no espaço. A obra tecida deve modelar o espaço em uma forma multidimensional" (MATTAR, 2013, p. 8). Por isso, é importante propor aos discentes as mais variadas experiências em arte, sendo que cada material oportuniza as mais diversas experiências, formas, sensações e saberes, que podem ser recriados a cada novo fazer.

Em Busca de Conclusões

No início desta pesquisa perguntava: Qual a contribuição da Arte Têxtil no desenvolvimento de um ser criativo e sensível ao mundo com estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental? A partir da investigação sobre a Arte Têxtil, descobri inúmeras formas de criação artística por meio da poética têxtil e consegui perceber diversas possibilidades para o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade por meio do ensino da Arte Têxtil.

Percebo que por meio da arte e suas manifestações artísticas, podemos compreender as diversas possibilidades que o ser humano encontra para se expressar e se manifestar. Ao perceber os percursos da Arte Têxtil que vêm acompanhando o homem desde os primórdios da civilização é possível entender as trajetórias que as linhas e suas tramas podem criar, apontando diversas formas de manifestação cultural. É na relação do homem com o mundo que se encontra um universo significativo permeado de sensações e vivências produtivas.

Entendo que a Arte Têxtil tem um grande potencial para ser desenvolvido no ambiente escolar. Durante o projeto realizado com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, no qual lecionei, oportuneizei aos estudantes a criação de poéticas pessoais por meio de lãs, linhas e tramados. Desde as primeiras atividades propostas nessa turma, percebi nos alunos diversas reações com a linha, seja na linha gráfica do desenho ou na linha palpável, que se fez presente no momento de interação e na construção de um tapetinho de lã. Vi em grande parte das

crianças um mundo cheio de imaginação e vontade de superar os desafios propostos.

Como uma das possibilidades metodológicas para o ensino de arte, a Arte Têxtil pode contribuir para a formação dos estudantes. É possível realizar na escola diversas atividades que usam a linha palpável, a trama, as texturas, relacionando-as ao trabalho de artistas que se expressam por meio da poética têxtil em suas obras, demonstrando que os materiais têxteis permitem ir além do desenho bidimensional, possibilitando a criação de formas tridimensionais.

Experimentar e criar com a arte permite que a pessoa desenvolva sua sensibilidade com as coisas e com o mundo. É preciso que o ser humano se permita sentir a maleabilidade do tecido, a textura das lãs e dos têxteis. Por mais importante que seja aprofundar o conhecimento científico e racional, o saber integral só acontecerá se for aliado ao saber sensível. É na prática sensível que o sujeito poderá adquirir uma postura crítica em relação ao mundo que o cerca. Por fim, concluo, a partir do vivenciado nesta pesquisa, que existem variadas possibilidades para o ensino da arte por meio da Arte Têxtil, entendendo ser esta propulsora na formação de seres sensíveis e criativos.

Referências

- ARAÚJO, M. M. **Leda Catunda: 1983 - 2008**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009 (Catálogo de Arte).
- BAHIA, A. B. Bordaduras na Arte Contemporânea brasileira: Edith Derdyk, Lia Menna Barreto e Leonilson **Periscope Magazine**, Florianópolis, n. 3, ano 2, maio/2002. Disponível em: <<http://www.casthalia.com.br/periscope/casthaliamagazine3.htm>>._Acesso em: 30 nov. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, Brasília, 1997.
- CASSUNDÉ, B.; RESENDE, R. **Leonilson - Sob Peso dos meus Amores**. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, RS. 2012 (Catálogo de Arte).
- CÁURIO, R. **Artêxtil no Brasil: Viagem ao Mundo da Tapeçaria**. Rio de Janeiro: Primor, 1985.
- CNTE. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. **Considerações da CNTE sobre o projeto de base nacional comum curricular, elaborado preliminarmente pelo MEC**. 2015. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/2015/BNCC_analise_CNTE.pdf>._Acesso em: 19 mar. 2018.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por Que Arte Educação**. Campinas: Papyrus, 1988.

- _____. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível.** 5. ed. Curitiba: Criar, 2001.
- _____. **A Montanha e o Videogame: Escritos sobre Educação.** Campinas: Papyrus, 2010.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino da Arte Fundamentos e Proposições.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- IABELBERG, R. **O Desenho Cultivado da Criança: prática e formação de educadores.** Porto Alegre: Zouk, 2006.
- LAZARO, W. (Org.). **Arthur Bispo do Rosário.** Rio de Janeiro: Réptil, 2012 (Catálogo de Arte).
- MATTAR, D. **Norberto Nicola Trama Ativa!** Centro Cultural Correios Rio de Janeiro (Catálogo de Arte), 2013.
- OSTROWER, F. A criatividade na Educação. In: PEREIRA, M. L. M. (Coord.), **Arte como Processo na Educação.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
- OSTROWER, F. **A criatividade e o processo de criação.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992.
- MICHAELIS DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=urdidura>>. Acesso em: 26 set. 2017.
- VIANNA, M. L. R. **Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?** 1995. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69343>>. Acesso em: 29 set. 2017.

Recebido em: 12/01/2018

Aceito em: 20/03/2018